

**MULTILETRAMENTOS EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA:
uma experiência com a temática quilombola em Belo Horizonte**

**MULTILITERACY IN DIALOGUE WITH HISTORY:
an experience with the quilombola community in Belo Horizonte**

Gabriel Santos Silva¹
Giovana Simão Guimarães
Jacyra Antunes Parreira

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar de que forma o ensino de História pode se conectar com os multiletramentos, entendendo que ambos compartilham objetivos em comum: formar sujeitos mais críticos, capazes de intervir diante dos problemas sociais. O ensino de História, neste sentido, possibilita o contato com diferentes conceitos relacionados ao Brasil e ao mundo, permitindo ao estudante reconhecer-se como sujeito ativo dentro da sociedade e compreender que a História não se restringe apenas ao passado, mas também ao presente e ao futuro, refletindo sobre como as narrativas são construídas, disputadas e ressignificadas no tempo presente. Busca-se, assim, que os estudantes, para além do “letramento da letra”, produzam e interpretem criticamente diferentes linguagens, como imagens, músicas e vídeos. Assim, através de um relato de experiência no ensino de multiletramento em uma atividade multidisciplinar com história, busca-se demonstrar as relações entre as duas áreas. Produto de atividades práticas realizadas na Escola Municipal Paulo Mendes Campos, em Belo Horizonte, onde os autores atuam como estagiários no Programa de Iniciação à Docência, além de apresentar a relevância do conceito de multiletramento, pode-se apontar sua conexão com o ensino de História, que aproximou os alunos de diferentes vivências e narrativas subalternas, como a cultura quilombola. Utilizou-se como recorte a abordagem sobre os quilombos em Belo Horizonte, em especial o Quilombo Família Mattias.

¹gabrielsantosenem@outlook.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O multiletramento está ligado às transformações culturais e tecnológicas que hoje se mostram ainda mais evidentes em nosso país. Segundo Silva e Neves (2020), novas formas de aprender têm surgido constantemente, mudando o fluxo da comunicação e da transmissão de conhecimento, o que cria uma demanda urgente para que as práticas pedagógicas deem mais atenção aos múltiplos letramentos. Para a prática multidisciplinar, isso significa que os alunos não devem ser apenas leitores do “letramento da letra”, isto é, da leitura e da escrita considerada tradicional, mas precisam também interpretar criticamente e produzir sentido nas mais variadas linguagens. Pode-se incluir vídeos, filmes, músicas, tirinhas, 'memes' e imagens, múltiplas formas pelas quais é possível adquirir conhecimento. Compreende-se então a prática do multiletramento a partir de três bases: desenvolver pensamento crítico diante de diferentes linguagens, interpretar aquilo que já compõe a bagagem cultural do estudante, ainda que considerada ‘superficial’, e aprender novos conceitos que serão fundamentais para que ele se reconheça na sociedade e na história. A escola deve ajudar os alunos a criar capacidades que os tornem cidadãos participativos. Isso significa proporcionar condições para que eles aprendam a lidar com diferentes experiências, principalmente as digitais, usando a leitura e a escrita para fazer interpretações críticas de diferentes assuntos. Nessa perspectiva, a disciplina de História torna-se essencial, pois oferecerá ferramentas para compreender diferentes processos históricos e que podem ser readaptadas na captação de novas informações, incluindo perspectivas consideradas “oficiais”. Assim, leva-se até o aluno conhecimentos que serão importantes para seu crescimento como cidadão, que contemplam contextos próximos à realidade local, e simultaneamente apresentar temas que apesar dos avanços acadêmicos, ainda enfrentam resistência para serem trabalhados em sala de aula, como a cultura quilombola. Essa “resistência”, como apontam Silva e Neves (2020), se dá pelo predomínio de currículos baseados em perspectivas hegemônicas, que silenciam ou ignoram questões de relevância para a historiografia. Certamente, a efetiva aplicação da Lei n. 10.639/2003 é necessária, pois funciona como um mecanismo pedagógico capaz de desconstruir e enfrentar preconceitos, especialmente aqueles relacionados à cultura quilombola, marcada por tradições culturais históricas.

METODOLOGIA

Ao tratar de metodologia para multiletramentos, é importante mencionar que diferentes estratégias podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. O uso de suportes tecnológicos e outros variados recursos pedagógicos pode tornar as aulas um espaço valioso para a formação e para a troca de saberes. Neste trabalho, a experiência ocorreu em uma turma de 8º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Belo Horizonte, a E. M. Paulo Mendes Campos. Para tratar da temática quilombola, foram utilizados textos, relatos e discussões. Buscou-se não somente que os alunos entendessem a temática, mas também que se tornassem mais críticos para produzir conhecimentos, entendendo a perspectiva de que multiletramento também pode ser histórico. Na elaboração dos planos de aula, buscou-se conteúdos, artigos e materiais que estudam a presença da cultura negra em Belo Horizonte e elementos culturais presentes anteriores à formação da cidade. A intenção era conduzir leituras e discussões que permitissem aos alunos compreender como a população quilombola vive, como vivia e como deseja ser reconhecida no futuro, além de dar voz a lideranças quilombolas, aproximando os estudantes de histórias locais necessárias, porém pouco conhecidas e estudadas. Assim, elaborou-se um texto autoral baseado em informações divulgadas por lideranças do Quilombo Família Mattias - como Luciana Mathias, que também atua como educadora na E. M. P. M. C. - que contextualiza a origem do quilombo. No início do século XX, com a expansão ferroviária, parte da família migrou para a construção da nova capital de Minas Gerais, processo que, como aponta Dias (2019), provocou a transferência ou desaparecimento de diversas práticas culturais do Território do Curral Del Rey, afetando especialmente a população negra, que foi obrigada a migrar do território ou ir para as margens. Durante a discussão, apontamos aos alunos aspectos de violência e exclusão social presentes na história, evidenciando o padrão racista que Belo Horizonte herdou desde o período pós-escravista. Abordamos conceitos de identidade e resistência, relacionando com a história dos Mattias e discutimos como o estudo crítico desses temas pode contribuir para a formação do senso crítico de cada um deles. Além do texto, utilizamos um vídeo que contextualizava a temática, chamava a atenção dos alunos e os preparava para uma atividade prática subsequente.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Foram realizados dois momentos diferentes para análise e síntese da atividade com os estudantes. O primeiro foi de discussão, em que duas adolescentes estudantes da escola e moradoras do quilombo Família Mattias, gentilmente se dispuseram a falar sobre o cotidiano e responder perguntas dos educandos. Surgiram perguntas que, à primeira vista, poderiam parecer simples, mas que revelam um conhecimento prévio dos alunos, ainda que de forma superficial ou equivocada. Questionavam, por exemplo: “Como vivem os quilombolas?”, “Eles vivem como na cidade?”, “Eles têm um shopping?”. Essas indagações abriram espaço para trabalhar aspectos culturais, sociais e históricos, aproximando-os da realidade quilombola. Outro ponto bastante discutido foi em relação à religião, espaço que promoveu uma conversa sobre a diversidade de crenças no espaço do quilombo e a importância de repensar estereótipos. Explicou-se também como as narrativas históricas podem ser ressignificadas para dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados, mostrando que, ao aprenderem sobre cultura quilombola, estavam entrando em contato com conteúdos pouco explorados no cotidiano escolar. A receptividade foi positiva: notou-se que os alunos se envolveram com o tema, deixando de lado alguns estigmas e construindo uma compreensão mais crítica sobre a questão. Na atividade seguinte, de síntese do conteúdo aprendido, cada aluno deveria registrar, com as próprias palavras, o que havia entendido sobre a cultura quilombola e, em seguida, explicar o significado dos conceitos de resistência e identidade. As respostas mostraram boa assimilação dos conteúdos e sensibilidade para com os debates. A aluna Letícia, por exemplo, escreveu: “Minha percepção sobre o quilombo é que o quilombo surgiu quando os escravizados fugiam para serem livres, logo, o quilombo era uma casa, um refúgio para eles, onde poderiam ter uma vida de verdade, onde podiam ser quem eram sem agressões ou julgamentos. Mesmo após a escravidão a comunidade quilombola continua como forma de resistência (...”). Pode-se compreender, a partir das respostas dadas, que os alunos associaram, além do papel histórico, o contemporâneo referente às comunidades quilombolas. Dessa forma, mais do que absorção de conteúdo, conseguiram desenvolver criticamente relações entre a aprendizagem e conceitos. Essa habilidade retoma a noção de “letramento histórico”, trabalhada por Cerri (2011), em que o autor afirma que mais do que conhecer os fatos históricos é necessário interpretar o tempo e usar esse conhecimento além do âmbito escolar. Entretanto, é importante mencionar as dificuldades

de alguns dos estudantes, que por vezes foram extremamente literais com suas respostas - associando identidade com documento, por exemplo - e não conseguiram associar a definição pedida pela atividade com o texto e conteúdo apresentados. Um estudante que não será identificado deu como resposta: “Identidade é ser conhecido ou conseguir ser identificado e reconhecido como um documento importante.” Essa dificuldade deve ser entendida tanto na perspectiva singular do aluno, quanto como um reflexo da falta de referência anterior sobre o assunto. Apesar de não ter atingido o esperado, demonstra a necessidade de se trabalhar temáticas como essa e de trazer propostas de atividade que sejam multidisciplinares e permitam praticar outras habilidades - prática comum do historiador, e que vai de encontro com aquilo que é proposto pela BNCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica clara, após a realização do trabalho, a importância e a relevância de se promover práticas multidisciplinares. Ao tratar de uma narrativa que por vezes fica esquecida no ensino de história tradicional, mas que é viva e presente, ainda hoje, como as comunidades quilombolas, os estudantes puderam se conectar com a cultura da cidade, desconstruir estigmas e exercitar outras reflexões importantes.

Palavras-chave: Quilombo; Resistência; Identidade; Educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. S.; MEDEIROS DE MELO, B. Currículo, memória e imagem: olhares docentes para o ensino da História Quilombola no Ensino Médio Integrado. **Revista Labor**, [S. l.], v. 2, n. 24, p. 303–326, 2020. DOI: 10.29148/labor.v2i24.60154. Disponível em:<<https://periodicos.ufc.br/labor/article/view/60154>>. Acesso em: 4 set. 2025.

ARAÚJO, S. R. E.; SOARES, K. C. P. C. A inclusão da temática quilombola nos currículos escolares: desafios e perspectiva. **Brazilian Journal of Development**, 2024. DOI: 10.34117/bjdv10n7-051. Disponível em:<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/71492>>. Acesso em: 4 set. 2025.

CERRI, L. F. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. 138 p. (Coleção FGV de bolso. Série História).

MEG, M. Conheça as histórias dos quilombos de BH. **Estado de Minas**, 19 nov. 2023. Sabia Não, Uai! Disponível em: <<https://www.em.com.br/gerais/2023/11/6656816-conheca-as-historias-dos-quilombos-de-bh.html>>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, R. G.; NEVES, J. E. Multiletramentos na Escola: Um Relato de Experiência à luz das reflexões de gênero e dos letramentos críticos. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 50-11, 2020. DOI: 10.46230/2674-8266-12-4027. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4027>>. Acesso em: 4 set 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e Identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, São Paulo, Artmed Editora, 29 de fevereiro de 2004. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.